

**A Escola de Tartú-Moscou:  
contribuições aos estudos sobre cultura e memória**

***The Moscow-Tartu School:  
contributions to studies on culture and memory***

Catarina Maria AMORIM<sup>1</sup>  
Larissa Conceição dos SANTOS<sup>2</sup>

**Resumo**

A Semiótica da Cultura origina-se na Escola de Tartú-Moscou, na Rússia, e apresenta-se como uma meta-teoria que possibilita uma análise sistemática da cultura entendida como um sistema complexo de significação. Neste ensaio, de natureza exploratória e caráter teórico-reflexivo, resalta-se as contribuições da Escola de Tartú-Moscou às investigações acerca da memória e da cultura, e reflete-se sobre a pertinência e aplicabilidade da Semiótica Cultural como uma abordagem fecunda aos estudos em comunicação no Brasil. Adota-se como metodologia a pesquisa bibliográfica (PRODANOV; FREITAS, 2013), a fim de resgatar as origens e os conceitos fundamentais da Escola de Tartú-Moscou sobre cultura e memória, destacando os escritos de Iuri M, Lotman como seu precursor, bem como refletindo sobre o lugar da Semiótica da Cultura nos estudos comunicacionais.

**Palavras-chave:** Semiótica russa. Comunicação. Cultura. Memória. Lotman.

**Abstract**

The Semiotics of Culture emerges within the scope of the Moscow-Tartu School, in Russia, and presents itself as a meta-theory that enables a systematic analysis of culture understood as a complex system of meaning. This essay, which is exploratory and theoretical-reflective, highlight the contributions of the Moscow-Tartu School to research on memory and culture, and reflect on the relevance and applicability of Cultural Semiotics as a fruitful approach to studies in communication in Brazil. Bibliographic research is adopted as methodology (PRODANOV; FREITAS, 2013), in order to rescue the origins and fundamental concepts of the School of Tartú-Moscov on

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Publicidade e Propaganda da UNIPAMPA. Pesquisadora de Iniciação Científica (PIBIC- CNPq). Integrante do Grupo de Pesquisa t3xto (UNIPAMPA).  
E-mail: catarinamsamorim@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Sciences de l'Information et de la Communication (Celsa/ Paris-Sorbonne). Professora da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA. Integrante do Grupo de Pesquisa t3xto (UNIPAMPA).  
E-mail: larissasantos@unipampa.edu.br

culture and memory, highlighting the writings of Yuri M. Lotman as a precursor, as well as reflecting on the place of Semiotics of Culture in communicational studies.

**Keywords:** Russian semiotics. Communication. Culture. Memory. Lotman.

## Introdução

As pesquisas na área das Ciências da Comunicação são constantemente atravessadas, enriquecidas, por teorias oriundas de outras áreas, em uma profusão interdisciplinar que configura a riqueza dos estudos comunicacionais. Bebemos nas fontes de disciplinas como a filosofia, a sociologia, história, a literatura e a linguística, dentre tantas outras, respeitando suas características e mobilizando teorias e conceitos à luz dos interesses e particularidades do campo comunicacional.

Embora existam críticas a esse respeito, acerca da originalidade dos objetos e das teorias comunicacionais, entende-se e defende-se aqui a necessária expansão das fronteiras teóricas e metodológicas em uma constante troca de conhecimento com outros campos para que a produção de conhecimento científico em comunicação possa estar em constante renovação.

Nessa perspectiva, pretende-se através deste estudo de natureza exploratória e caráter teórico-reflexivo problematizar o lugar da Escola de Tartú-Moscou e mais particularmente a teoria Semiótica da Cultura de Iuri M. Lotman como uma perspectiva profícua aos estudos sobre cultura e memória na atualidade, especialmente no âmbito das ciências da comunicação.

O contexto do presente estudo é motivado e surge a partir do desenvolvimento de um projeto de pesquisa, iniciado em 2018, que busca analisar a temática da preservação da memória cultural no município de São Borja-RS. Embora o referido projeto não seja aqui o objeto de estudo específico, foi a partir dele que nos desafiamos a construir um arcabouço teórico que nos possibilitasse compreender os conceitos de cultura e de memória em uma perspectiva tanto histórica como comunicacional<sup>3</sup>. Com esse intuito, encontramos na Semiótica da cultura as bases necessárias para a

---

<sup>3</sup> Projeto de pesquisa *Memória Pública e Memória cultural: um estudo histórico-comunicacional* que conta com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul – FAPERGS e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq no período de 2019-2020.

fundamentação de uma pesquisa que, alicerçada na comunicação, é capaz de observar diacronicamente a cultura, considerando a historicidade, a materialidade dos registros, mas sobretudo a dinamicidade na formação da memória cultural.

Espera-se, a partir deste trabalho, contribuir para o conhecimento e reconhecimento da Semiótica Russa ou Semiótica da Cultura como uma teoria adequada e pertinente aos estudos no campo da comunicação, e, em especial aqui destacando as contribuições dos estudiosos da Escola de Tartú-Moscú para a reflexão acerca da cultura e da memória em seus complexos processos de produção de significados. Para tanto, recorre-se a metodologia da pesquisa bibliográfica (PRODANOV; FREITAS, 2013), apresentando-se inicialmente as origens e os conceitos da Escola de Tartú-Moscú que tem na figura de Iuri Lotman o seu precursor. São analisadas, especialmente, os escritos originais da Escola de Tartú-Moscú complicados nos livros *La Semiosfera I* (LOTMAN, 1996) e *La Semiosfera II* (LOTMAN, 1998), bem como o livro *Universe of the mind* (LOTMAN, 2000). Finalmente, discorreremos sobre a problemática da preservação da memória, a fim de problematizar o lugar da Semiótica da Cultura no campo da Comunicação.

### **O legadonda Escola de Tártu – Moscú: cultura e memória na visão lotmaniana**

Questões pertinentes a cultura e aos diversos conceitos ligados a esse tema, são explorados por diversos teóricos ao longo dos tempos. As diversas concepções acerca desse assunto passam por transformações. Nessa perspectiva, na Rússia, especificamente na Estônia, no ano de 1960 surgiu a Escola Semiótica de Tártu - Moscú, fundada por Iuri Lotman. Além de filósofo, Américo (2012), alude que Lotman, foi o sistematizador da disciplina e crítico literário, criou um sistema inovador da análise tipológica e sistemática da cultura. A escola se dedicou em abordar assuntos no âmbito da linguagem e da cultura, dando origem a uma importante disciplina dentro da escola, conhecida como semiótica da cultura. Velho (2009) aduz, que foi a partir de uma reunião de intelectuais que o principal interesse, foi estudar o papel da linguagem em variadas manifestações culturais.

Iuri Lotman, natural de Petrogrado, então URSS, realiza seu Doutorado em Filologia na Universidade Estatal de Leningrado, onde realiza cursos com Vladimir Propp, bebendo na fonte dos estudos estruturalistas, mas também do círculo linguístico

de Moscou e das teorias bakhtinianas, que irão influenciar o desenvolvimento de seus estudos culturais, linguísticos e sógnicos (KRISTEVA, 2007). Durante sua carreira produz mais de 550 textos, dentro os quais destacam-se os estudos sobre poética e filologia, na perspectiva estruturalista, e, os que aqui nos interessam particularmente, investigações sobre os signos linguísticos e as estruturas ou sistemas sógnicos que culminam com a publicação de sua teoria sobre uma “semiótica da cultura” em variados artigos.

O chamado círculo ou a “Escola de Tartu-Moscou” reúne pesquisadores do campo da filologia e da linguística interessados no estudo da cultura russa e, mais especificamente, nos textos da cultura. As investigações do grupo de Tartu questionavam também o funcionamento e as características da cultura de uma forma geral, dando origem a meta-teorias que buscavam explicar o caráter semiótico dos fenômenos culturais (QUIJANO, 2014). Dentre os integrantes desta seleta Escola destacam-se Boris A. Uspenski, Vladimir N. Toporov, V. V. Ivanov, Alexander M. Piatigorski e Iuri M. Lotman, responsáveis pela fundamentação teórica da chamada “Semiótica Russa” ou “Semiótica da Cultura”.

O pensamento dos pesquisadores desta Escola, disseminados em publicações em língua russa, tardam muito a ser conhecidos e reconhecidos mundialmente. Em primeiro lugar pela barreira linguística, que limita o acesso às obras aos nativos e proficientes em russo, em segundo lugar, conforme relata Desiderio Navarro (1996), pelo escasso número traduções dos escritos de Lotman e de seus colegas para outras línguas, isso sem falar na dificuldade relacionada à correta tradução de termos e conceitos tão particulares destes semioticistas. Nesse contexto, a Escola de Tartu possui um expressivo volume de publicações, porém a maioria inacessível em uma grande variedade de línguas ocidentais, como é o caso do português. Para entender ou buscar apreender a teoria semiótica russa, precisamos recorrer às preciosas coletâneas ou recompilações de textos (traduzidos) que buscam organizar os escritos dos estudiosos de Tartu, como, por exemplo, a coletânea de artigos do período dos anos 60 à 90, traduzida e sistematizada por Desiderio Navarro *La semiosfera - Semiótica de la Cultura y del texto* (1996) em língua espanhola, e a uma fusão de textos de Lotman das décadas de 70 e 80 publicados em língua inglesa sob o título de *Universe of mind: A Semiotic Theory of Culture* (1990). Note-se que ambas obras, hoje amplamente difundidas e referências ao estudo da Semiótica da Cultura, tornam-se acessíveis cerca de 30 anos após a

redação original em idioma russo, dificultando também acompanhar a evolução, as transformações e a atualidade do pensamento semiótico russo de maneira original.

De acordo com Kristeva (2007), apenas em 1968 aparece a primeira tradução para o francês dos trabalhos do grupo de semióticos da Escola de Tartu, revelando ao ocidente em especial a visão de Lotman sobre o texto como um modelo reduzido da cultura, isto é, transpondo a visão linguística e olhando para a criação de significado, a relação do texto com a história e a sociedade, e a produção de sentido - enquanto atividade semiótica- que não reside apenas na estrutura interna do texto (visão estruturalista dos elementos linguísticos), mas depende também de um complexo jogo social e daquilo que Iuri Lotman definirá como documentos culturais. Ou seja, após superar a busca estruturalista por uma organização geral dos elementos culturais - uma estrutura que compreenda todas as manifestações sócio-naturais como culturais- Lotman parte para o estudo das unidades e da dinâmica cultural como um conjunto complexo, que o ajudam a formular sua teoria semiótica.

Nessa perspectiva, a semiótica é entendida por Lotman como uma ciência que

reconhece a intercomunicação e o reprocessamento [...] da informação e das estruturas como um fato cultural essencial, como a essência da vida cultural e social. Sustentava que nenhuma cultura, nenhum estudo da cultura é possível sem levar em consideração a *essência transformadora do significado* [...] (KRISTEVA, 2007, pp. 2-3, tradução nossa).

Ou seja, na visão lotmaniana a cultura pode ser definida como “o conjunto de informações não herdadas e os modos de organizá-las e armazená-las” (LOTMAN, 1970 *apud* GONZALEZ GAXIOLA, 2014), logo entendemos-a como informação que não pode ser transmitida geneticamente, mas sim *apreendida* pelos indivíduos. O estudo da cultura, da memória e dos textos pela Escola de Tartu vai aperfeiçoando-se ao longo dos anos e a própria fundamentação da semiótica russa avança deslocando-se da preocupação inicial com a estrutura, com os sistemas culturais como depositários de um sentido para uma visão (pós)moderna de uma construção complexa de significados, sempre dinâmicos.

Na visão de Mancuso (2015, p.62, em livre tradução):

A semiótica russo-eslava, a semiótica de Lotman, que é também uma metodologia e uma epistemologia da ciência social, propõem-se como e quais são os mecanismos pelos quais se produzem os significados. A hipótese de Lotman (até um certo ponto a hipótese básica e perdurável

ao longo de toda a sua obra, lida em retrospectiva) é a ideia de que as estruturas culturais – as sociedades em um sentido flexível do termo – são grandes mecanismos de produção de sentidos, i. e. de produção de significação.<sup>4</sup>

Entendemos, que os autores ao estudarem cultura como um sistema semiótico, em concordância com Lotman (1975), abordam cultura como um meio de penetração que possui relação dos signos, aos signos e aos sistemas de signos e ao nosso acervo interpretativo.

Em 1976, em sua obra “*A estrutura do texto artístico*”, Iuri Lotman aborda alguns dos princípios da Escola semiótica de Tártu – Moscou, segundo Antonini (2006), foi a mesma época da “explosão das teorias semióticas”. Na obra o autor estabelece que a linguagem é qualquer sistema estruturado de signos. Em conformidade com o autor, Antonini (2006) afirma que a linguagem “será construída por um universo de signos que possui regras de contribuição definidas, formalizadas em estrutura, como um modo de hierarquia própria” (ANTONINI, 2006, p. 4).

Diante disso, depreendemos que a Escola de Tartu possui grande importância para a semiótica da cultura, que no futuro seria uma importante metodologia à nossa área da comunicação, assim como os conceitos de cultura abordadas na antropologia. Ademais, de acordo com Velho (2009, p. 251) “a teoria lotmaniana está centrada nos mecanismos de “automodelação cultural” e nos processos de trocas graduais ou explosivas de informações, chamado de mecanismo semiótico da cultura”.

Depreendemos, através da disciplina da escola de Tártu – Moscou que cultura é um sistema organizado e complexo que compõe as informações, e que faz parte do cotidiano dos seres humanos. Segundo Ferreira “cultura recebe as coisas novas, codifica e decodifica mensagens, traduzindo – a um outro sistema de signos” (FERREIRA, 1994, p. 116), nesse sentido, é através da cultura, que são criados os signos, que geram significados através dos códigos.

Por essa perspectiva e em conformidade com a autora, traduzir uma informação em texto, ou seja, em informação codificada é importante para memória coletiva, visto

---

<sup>4</sup> No original em espanhol: “La semiótica ruso-eslava, la semiótica de Lotman, que es también una metodología y una epistemología de la ciencia social, se plantea cómo y cuáles son los mecanismos por los cuales se producen los significados. La hipótesis de Lotman (hasta un cierto punto la hipótesis básica y perdurable a lo largo de toda su obra, leída en retrospectiva) es la idea de que las estructuras culturales —las sociedades en un sentido flexible del término— son grandes mecanismos de producción de sentidos, i.e. de producción de significación”.

que, conforme Leal (2011), a memória re – existe não só das experiências do indivíduo, mas do seu grupo, isto é, do sistema de signos organizados por esse grupo, a cultura. Desse modo cultura passa a ser um mecanismo de memória, que age contra o esquecimento, “a cultura é inseparável dos atos de consciência e inconsciência” (LOTMAN, 1996, p. 161). Contudo, compreendemos que cultura é memória, segundo Ferreira (1994), toda cultura se cria conforme a própria existência.

“A memória é a reserva que se dispõe da totalidade das nossas experiências” (BOSI, 1979, p. 13 *apud* LEAL, 2011, p. 351), podemos compreender que é através da memória que resgatamos os signos passados e re-significamos - os criando ou recriando novos sistemas de significações. Diante disso, se a memória se faz das nossas experiência e a cultura é o que gera essas experiências, cultura além de um feixe de sistemas semióticos, é memória, um sistema de signos, que podem ser resgatados e re-significados. Conforme Lotman (1996) “de lo dicho se sigue que las esferas de la cultura en que los factores casuales desempeñan un papel más considerable son, a la vez, los sectores más dinámicos de la misma” (LOTMAN, 1996, p. 159).

Nesse panorama, depreendemos que cultura é usada contra o esquecimento, sendo um mecanismo de memória. Ou seja, está expressa num sistema de interpretações e diretrizes, em concordância com Ferreira (1994), a cultura se cria conforme sua própria existência, dando continuidade à memória.

Na visão de Lotman (2000, p. 272, em livre tradução)

o conteúdo da memória é o passado, mas sem memória não podemos pensar 'aqui' e 'agora': a memória é o fundamento profundo do processo real da consciência. E se a história é a memória da cultura, isso significa que ela não é apenas uma relíquia do passado, mas também um mecanismo ativo do presente<sup>5</sup>.

Nesse sentido, a memória é um espécie de signos organizados, segundo Lotman (1998, p. 8) “na história real da cultura, nos encontramos em mais de uma ocasião com episódios no qual no surgimento do texto precede o surgimento da linguagem e estimula a última fase” Ou seja, se cultura é um sistema de signos, então são textos que geram novos significados, auxiliando na fixação da memória cultural. Para além disso, conforme Ferreira (1994), à origem da história e antes do mito como consciência é uma

---

<sup>5</sup> No original em inglês: “the content of memory is the past, but without memory we cannot think ‘here’ and ‘now’: memory is the deep-seated ground of the actual process of consciousness. And if history is culture’s memory then this means that it is not only a relic of the past, but also an active mechanism of the present”.

memória coletiva, isto é, o texto se introduz na história intelectual da humanidade, com vista a regular comportamentos, desenvolvendo tarefas para o desenvolvimento da cultura.

### **A semiótica da cultura como perspectiva metateórica para os estudos comunicacionais**

O desafio de pesquisar cultura e memória no seio das Ciências da Comunicação fez com que nos deparássemos com teorias tradicionalmente pouco exploradas ao longo da formação nessa área, como é o caso da Semiótica da Cultura. Para além das contribuições específicas da semiótica cultural ao entendimento de conceitos tão importantes como o de cultura e memória, apontados nas seções anteriores, observamos de maneira mais ampla como a Escola de Tartú-Moscú apresenta-se como uma abordagem metateórica pertinente aos objetos e temáticas abordadas pelas investigações em comunicação.

De maneira específica, a semiótica da cultura apresenta-se como uma metateoria que possibilita uma análise sistemática da cultura entendida como um sistema complexo de significação (QUIJANO, 2014). Dentro deste sistema ressalta-se a perspectiva sócio-histórica traçada pelo autor, e em nossa pesquisa nos interessa mais particularmente o olhar da Escola de Tartu para a memória como fundamento da cultura, bem como o papel dos textos e dos documentos como unidades culturais, isto é, fontes para a reconstituição de uma dada cultura.

Destarte a pertinência e proximidade do campo semiótico e, especialmente da semiótica da cultura, das teorias e objetos de pesquisa das Ciências da Comunicação, não se observa com tanta frequência a mobilização da Escola de Tartu entre os estudos comunicacionais brasileiros. Algumas hipóteses podem explicar esse fenômeno: 1) a primeira de ordem conceitual, diz respeito ao estudo e à aplicação da semiótica, de maneira geral, no campo da comunicação, e de forma específica e drasticamente reduzida, da Semiótica russa (MARTINO, 2019); 2) em segundo lugar, uma problemática de ordem linguística, que impõe barreiras ao acesso dos textos dos semioticistas russos e/ou de suas traduções em outras línguas que não a portuguesa (MACHADO, 2019), limitando, dificultando e até mesmo levando ao desconhecimento da teoria lotmaniana por grande parte dos estudiosos em Comunicação no Brasil.

Em recente estudo publicado no Brasil, Martino (2019) investiga a inserção da semiótica entre as teorias da comunicação no Brasil, a partir de sua presença/ausência em livros de referência em teorias da comunicação no período de 1969-2018. O autor revela que dos 26 livros analisados, a maioria não reconhece e pertinência da semiótica como uma teoria comunicacional, destes, apenas 3 a mencionam brevemente.

Os limites da semiótica, nas relações com a Comunicação, parecem nunca ter sido definidos em termos disciplinares ou de abrangência. Associada ora à Linguística, ora à Teoria da Informação, apenas a partir de 1997 a Semiótica passa a ser apresentada como uma proposta teórico-metodológica relativamente autônoma, originária da Filosofia e/ou da Linguística, conforme o caso, como abordagem possível dentro dos estudos de Comunicação (MARTINO, 2019, p. 115).

Na visão de Luis Martino, apenas a partir da década de 90 os estudos semióticos começam a figurar de maneira mais expressiva entre os trabalhos da área de Comunicação, e, além desta problemática, destaca também a heterogeneidade de formas como a semiótica é apresentada nos livros brasileiros, misturando, sobrepondo e ocultando algumas correntes de pensamento em detrimento de outras. É o caso, por exemplo, da Semiótica da Cultura, pois, conforme apontado por Martino (2019, p.116) há “um predomínio da Semiótica de Peirce e da Semiologia de Saussure como fontes teóricas, não existindo menções à Semiótica Russa [...]”. O que demonstra, por um lado, um vasto campo semiótico a ser explorado pelos pesquisadores brasileiros em comunicação, e por outro, a pouca notoriedade Escola de Tartú-Moscou, visivelmente esquecida entre as poucas escolas semióticas estudadas no Brasil.

Entre os pesquisadores em Comunicação que têm adotado a Escola de Tartú-Moscou e a abordagem da Semiótica da Cultura entre seus estudos, destacamos: Regiane Miranda Nakagawa e Fabio Sadao Nakagawa, cujo, no artigo “A publicidade e a mídia ambiental”, os autores desenvolvem o conceito de mídia ambiental, tendo como referência a delimitação da fronteira semiótica, proposta por Iuri Lotman, com base nos processos tradutórios entre o sistema publicitário e espaço urbanos (F. S. NAKAGAWA; R.M. NAKAGAWA, 2013). Ronaldo Henn, no qual, nos artigos: “A semiodiversidade diante da irreversibilidade do tempo” e “Memória e arte na semiosfera mediatizada”, ele realiza uma revisão nos conceitos propostos por Lotman, de semiosfera e memória coletiva. No primeiro artigo citado, o autor aponta o problema da irreversibilidade do tempo, por meio da convergência entre os conceitos de semiosfera e

semiose (HENN, 2013). Já no segundo artigo, a memória coletiva é mencionada como um programa que funciona como processamento de semioses (HENN, 2010).

Ainda nessa perspectiva, evidenciamos o artigo *Semioses em crise: problematizações entre a Semiótica da Cultura e o Perspectivismo ameríndio*, de Nísia Martins do Rosário e Ricardo de Jesus Machado, onde os autores apontam a semiótica da cultura russa, para iniciar a problemática sobre as relações possíveis entre Semiótica da cultura (russa) e Perspectiva Ameríndio, no qual o intuito é constituir chaves de interpretações de procedimentos intelectuais de sociedades que não compõem à cultura ocidental hegemônica.

A pesquisadora Irene Machado, uma das referências brasileiras no campo da semiótica da cultura aponta em recente publicação a problemática da tradução das obras lotmanianas e dos integrantes das Escola de Tartú-Moscou e como isso tem afetado o acesso aos escritos destes pensadores na América Latina (MACHADO, 2019).

A autora destaca o importante papel desempenhado por Desiderio Navarro ao organizar, traduzir e sistematizar os escritos do grupo de Tartú-Moscou na trilogia “La semiosfera”, publicado em língua espanhola, e que acaba também sendo a alternativa para os pesquisadores brasileiros que, na ausência de traduções para o português, encontram na compilação de Navarro uma chave para aceder ao pensamento dos semioticistas russos. Apesar da proximidade, a inexistência de obras de Lotman e seus colegas em língua portuguesa pode também tornar-se uma barreira aos pesquisadores brasileiros que, ora por comodidade ou por não-proficiência, teriam dificuldades na leitura de manuscritos em outros idiomas.

Em língua portuguesa apenas as obras de Bakhtin e de seu círculo têm merecido a atenção de tradutores desde o final dos anos 1970. Dos semioticistas de Tartú-Moscou, temos apenas uma obra editada pelo saudoso Boris Schnaiderman, *Semiótica russa*, publicada em 1979. Estudiosos brasileiros entraram em contato com o pensamento semiótico da cultura concebido por Lótman graças às traduções de Navarro (MACHADO, 2019, p. 201, *grifo da autora*).

Apesar das limitações linguísticas e editoriais, apontadas pelos autores supracitados, defende-se aqui a relevâncias das pesquisas conduzidas pela Escola de Tartú-Moscou e a importância da teoria semiótica da cultura para o estudo de objetos e fenômenos culturais, históricos, sob uma ótica comunicacional.

Há na conceituação de Iuri Lotman e dos semioticistas da Escola de Tartu, uma relação intrínseca estabelecida entre cultura e memória, demonstrada pelos fenômenos

de esquecimento, conservação e rememoração. Na perspectiva histórica de Lotman (1996) aquilo que esquecemos não desaparece, apenas adormece, permanece guardado e desperta a partir de algum gatilho ou estímulo. Dessa forma, a memória da cultura também se preserva, em especial através dos objetos ou artefatos culturais que guardam sua essência.

No caso do projeto de pesquisa que conduzimos, sobre Memória Pública e Cultural na cidade de São Borja, o despertar da memória cultural pode revelar-se por meio da incursão nos arquivos históricos, nos textos que conservam os registros históricos e culturais do município, da região das missões e de personagens políticos nacionais. Na busca pela construção de uma fundamentação teórica que nos ajudasse a compreender a dinâmica dessa formação histórico-cultural nos deparamos com a Semiótica da Cultura como teoria que ressignifica o papel dos textos, arquivos e documentos, enquanto fontes de uma memória cultural que se (re)atualiza constantemente através de processos de (re)interpretação.

A abordagem dos semioticistas russos sobre a cultura e sobre a memória tornam-se particularmente ricos para estudos comunicacionais como o nosso, que buscam investigar a dinamicidade de tais fenômenos como a formação da memória cultural, para o reconhecimento da complexidade do tecido cultural, em seus processos sucessivos de reinterpretação entre outras perspectivas profícuas apresentadas pelos estudiosos de Tartú-Moscú e que podem ser mobilizados ao estudo de diferentes fenômenos no campo da comunicação.

### **Considerações finais**

O desafio de investigar a preservação da cultura e da memória em um município no interior do Rio Grande do Sul, tendo como base disciplinar e de formação do projeto as ciências da comunicação, fez com que ampliássemos os horizontes e buscássemos perspectivas outras, para além daquelas teorias antropológicas ou historiográficas já conhecidas quando abordamos tais temas. Tal esforço investigativo nos levou ao encontro com a Escola de Tartú-Moscú, apresentando-nos uma abordagem culturológica diferenciada e profícuo não apenas ao nosso projeto de pesquisa, de maneira específica, mas também, de forma geral, a outros estudos da área de comunicação.

Velho nos afirma que (2009, p. 250) “cultura é memória não-genética, um conjunto de informações que os grupos sociais acumulam e transmitem por meio de diferentes manifestações do processo da vida”. Se cultura é memória, que se manifesta através da linguagem, compreendemos que é um sistema de interpretações e prescrições, textos que geram significados.

Diante disso, se o que nos difere dos demais seres vivos é a habilidade de atribuir significados às coisas sejam elas reais ou simbólicas e o processo de mediação da comunicação através da linguagem, a cultura conforme a Escola de Tártu - Moscou, possui esse papel semiótico, um conjunto de sistemas de signos, que possibilita nossa organização dos processos simbólicos, através da consciência. Nessa perspectiva a cultura é fundamental para a comunicação.

Assim, resgatar a semiótica da cultura, teorizada por Iuri Lotman, na Escola semiótica de Tártu - Moscou como teoria pertinente à área da comunicação é de extrema importância. Embora as obras de Lotman sejam relativamente conhecidas no Brasil, na área da comunicação um potencial enorme para a sua aplicação. Tal cenário possa ser que ocorra pela ausência de textos traduzido para o português. De acordo com Desiderio Navarro (1996), geralmente as traduções que existem são de traduções para traduções, do russo para o francês, italiano ou inglês, e assim para o espanhol. Navarro (1996) levanta a hipótese de que talvez isso aconteça, pelo pouco conhecimento do vocabulário russo nos demais idiomas.

Diante dessa perspectiva, apreendemos que no Brasil, ocorre a mesma situação com as traduções que ocorrem para o espanhol, pois conforme salienta América (2012, p. 10) “os estudos semióticos de Lotman, também são divulgados e conhecidos no meio acadêmico, sendo que algumas das suas obras foram traduzidas para o português. No entanto, grande parte de sua herança bibliográfica ainda não foi vertida para nosso idioma e, portanto, os estudiosos brasileiros são obrigados a recorrer às traduções em outras línguas”.

Deprendemos que ao levantar reflexões sobre a semiótica da cultura, da Escola Semiótica de Tártu em nossas pesquisas, há uma socialização dessa importante escola linguístico-filosófica do campo da semiótica à área da comunicação. Para além disso, há uma contribuição para nosso projeto de pesquisa Memória Pública e Memória Cultural: um estudo histórico comunicacional, no desenvolvimento de uma estrutura teórica, que dê conta em analisar cultura e a memória.

Salientamos que compreendemos que nosso presente trabalho não esgota todas as possibilidades acerca desse assunto. Assim, para futuros trabalhos, podemos realizar um levantamento cronológico sobre a Escola de Tartu na comunicação.

### Referências

AMÉRICO, Ekaterina Volkova. **Alguns aspectos da semiótica da cultura de Iúri Lotman**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <[https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/tde-07112012-124602/publico/2012\\_EkaterinaVolkovaAmerico.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/tde-07112012-124602/publico/2012_EkaterinaVolkovaAmerico.pdf)> Acesso em 05 mai 2020.

ANTONINI, Eliana P. **Da cultura e das práticas significantes: a importância de uma visão semiótica da cultura para aos estudos em comunicação**. Brasília: VI Encontro do Núcleo de Pesquisa em Teorias da Comunicação da INTERCOM, 2006. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/161028848750770740362550350352269120814.pdf>> Acesso em 07 mai. 2020.

FERREIRA, Jerusa P. **Cultura é memória**. São Paulo, SP: Revista Usp, 1994/95.

GONZÁLEZ GAXIOLA, Francisco. Memoria y cultura de Lotman en Rastrojos de Roberto Corella: teatro posmodernista mexicano. **Alfinge - Revista de Filología**, 2014, vol. 26, p. 57-74. Disponível em: <<https://www.uco.es/ucopress/ojs/index.php/alfinge/article/download/3357/3245>> . Acesso em 05 mai 2020.

HENN, Ronaldo. **Memória e arte na semiosfera midiaticizada**. XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul, RS, setembro de 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-3054-1.pdf>> Acesso em 27 jun 2020.

HENN, Ronaldo. A semiodiversidade diante da irreversibilidade do tempo. *In: Semiótica da Comunicação*. Organizadores, Alexandre Rocha da Silva, Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa. – São Paulo: INTERCOM, 2013. 480 p.: il. – (Coleção GP'S : grupos de pesquisa; vol.10). Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/e-book/colecao-gps-10.pdf>> Acesso em 26 jun 2020.

KRISTEVA, Julia. Acerca de Iuri Lotman. **Entretextos**. Revista Electrónica Semestral de Estudios Semióticos de la Cultura, n.10, nov. 2007. Traducción del inglés al español de Desiderio Navarro. Disponível em: <<http://www.ugr.es/~mcaceres/entretextos/entre10/kristeva.pdf>>. Acesso em 09 mai. 2020.

LEAL, Alessandra. **Cultura e Memória: percepções das lembranças re-existent no tempo**. UERJ, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/viewFile/2459/1731>. Acesso em 07 mai. 2020.

LOTMAN, Iuri M. **La memoria a la luz de la culturología**. *In: LOTMAN, Iuri M. La Semiosfera I*. Semiótica de la cultura y del texto. Trad. Desiderio Navarro. Madrid: Frónesis Cátedra de la Universitat de Valencia, 1996, pp.157-161.

- LOTMAN, Iuri M. **La Semiosfera I**. Semiótica de la cultura y del texto. Trad. Desiderio Navarro. Madrid: Frónesis Cátedra de la Universitat de Valencia, 1996.
- LOTMAN, Yuri M. **La semiosfera II**. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio. Frónesis Cátedra/ Universitat de València, 1998.
- LOTMAN, Iuri M. **Universe of the mind**: A semiotic theory of culture. UK: Indiana University Press, 2000
- MACHADO, Irene. **Cultura em campo semiótico**. São Paulo, SP: Revista Usp, 2010.
- MACHADO, Irene A. Semiótica como resistência no contexto da semiosfera latino-americana. **MATRIZES**, vol. 13, no 3, 2019, pp. 183-204. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/155358/158514>> . Acesso em: 10 mai 2020.
- MANCUSO, Hugo R. Genealogía estructuralista de la Escuela de Tartu. **AdVersuS**, XII, n.28, junio 2015, pp. 34-68. Disponível em: <http://www.adversus.org/indice/nro-28/AdVersuS-online28.pdf#page=40> Acesso em: 08 mai. 2020.
- MARTINO, Luis Mauro Sá. Quando a semiótica se tornou uma teoria da comunicação? **Triade**: Comunicação, Cultura E Mídia, 2019, vol. 7, no 16, p. 98-121. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/triade/article/view/3689/3523>>. Acesso em: 14 mai. 2020.
- NAKAGAWA, R. M; NAKAGAWA, F. S. A publicidade e a mídia ambiental. **Semiótica da Comunicação**. Organizadores, Alexandre Rocha da Silva, Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa. – São Paulo: INTERCOM, 2013. 480 p.: il. – (Coleção GP'S: grupos de pesquisa; vol.10). Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/e-book/colecao-gps-10.pdf>> Acesso em 26 jun 2020.
- PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Editora Feevale, 2013.
- RICAURTE QUIJANO, Paola. Hacia una semiótica de la memoria. **En-clav. pen**, México, v. 8, n. 16, p. 31-54, dic. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-879X2014000200031&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-879X2014000200031&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 07 mai. 2020.
- ROSARIO, N. M; MACHADO, R. J. **Semioses em crise**: problematizações entre a semiótica da cultura e o perspectivismo ameríndio. Unisinos. Revista Fronteiras, v. 2019, 21, n. 2. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2019.212.09/60747260>> Acesso em 30 jun 2020.
- VELHO, Ana Paula Machado. A semiótica da cultura: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação. **Revista de Estudos da Comunicação**, v. 10, n. 23, 2009.